

## REPRESENTAÇÕES DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO NA REVISTA

### *QUATRO CINCO UM*

## REPRESENTATIONS OF THE BRAZILIAN LITERARY CANON IN *QUATRO*

### *CINCO UM* MAGAZINE

Kaio Moreira Veloso<sup>1</sup>

Frederico de Mello Brandão Tavares<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa uma seleção de textos publicados na revista brasileira *Quatro Cinco Um* entre 2017 e 2021, tratando-se de um dos principais periódicos em circulação no país dedicado à resenha de livros. A pesquisa exploratória partiu das capas da revista, onde foi percebida uma presença recorrente de representações do cânone literário brasileiro. Levantou-se a hipótese de uma possível divergência entre tais representações e o perfil editorial da revista, visto que a relação de cânones e clássicos com a atualidade é muito distinta daquela praticada pelo jornalismo cultural da revista, fortemente ligado aos lançamentos do mercado editorial e, nesse sentido, com ares de novidade e/ou transgressão. A análise de 14 produções selecionadas foi feita a partir da definição de três eixos de análise, tendo em vista os conceitos de sacralização e profanação de Giorgio Agamben. Apesar da diversidade nos modos de construir as narrativas, atrelando obras a questões contemporâneas, chegou-se à conclusão de que há predominância da sacralização na revista, mantendo os cânones em seu lugar de destaque, sem grandes críticas ou inovações em suas representações.

**Palavras-chave:** Cânone literário; Resenha Literária; Jornalismo cultural; Revista *Quatro Cinco Um*; Mercado editorial.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduado em Jornalismo pela mesma instituição. Mariana, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [kaio.veloso@aluno.ufop.edu.br](mailto:kaio.veloso@aluno.ufop.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9137-5937>

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com Pós-Doutorado em Humanidades y Ciencias Sociales pela Universidade Nacional de La Plata (UNLP, Argentina). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Mariana, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [frederico.tavares@ufop.edu.br](mailto:frederico.tavares@ufop.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6410-4739>.

## ABSTRACT

This article analyzes a selection of texts published in *Quatro Cinco Um* magazine between 2017 and 2021, as it is one of the main journals in circulation in Brazil dedicated to book reviews. The exploratory research started from the magazine covers, where a recurring presence of representations of the Brazilian literary canon was perceived. The hypothesis of a possible divergence between such representations and the magazine's editorial profile was raised, since the relationship between canons and classics with the present is very different from that practiced by the magazine's cultural journalism, strongly linked to the releases of the editorial market and, in this sense, with an air of novelty and/or transgression. The analysis of 14 selected productions was carried out by the definition of three axes of analysis, bearing in mind Giorgio Agamben's concepts of sacralization and profanation. Despite the diversity in the ways of constructing the narratives, linking works to contemporary issues, it was concluded that there is a predominance of sacralization in the magazine, keeping the canons in their prominent place, without major criticism or innovations in their representations.

**Keywords:** Literary canon; Literary Review; Cultural journalism; *Quatro Cinco Um* magazine; Publishing Market.

**Artigo recebido em:** 12/05/2023

**Artigo aprovado em:** 03/07/2023

**Artigo publicado em:** 31/07/2023

## INTRODUÇÃO

A revista *Quatro Cinco Um*, “a revista dos livros”, é uma publicação relativamente nova se comparada com outros títulos brasileiros de referência, notadamente o *Jornal Rascunho* (2000) e o *Suplemento Pernambuco* (2007). Sua estreia ocorreu em 2017 e, desde então, o periódico mantém uma base de assinantes considerada pela empresa como a sua principal fonte de renda. Apesar do empenho dos leitores, que optam por uma variedade de opções de assinatura<sup>3</sup>, a revista conta ainda com o apoio de empresas e instituições culturais, além de veicular anúncios do

---

<sup>3</sup> Dentre elas, há a opção de “entusiastas”, onde o assinante paga um valor acima da mensalidade estabelecida para reforçar o apoio à revista. A recompensa é ter o próprio nome impresso na contracapa das edições.

mercado editorial e cultural em suas edições impressas, site<sup>4</sup> e podcast (disponíveis na página online da publicação).

A revista possui um perfil editorial que lhe garante um lugar no mercado onde há poucos concorrentes. Adicionalmente, apoia-se em um discurso de autoafirmação enquanto publicação relevante para se pensar a literatura e cultura contemporâneas em território nacional. Em relação ao conteúdo, este se constitui majoritariamente por resenhas de livros, embora haja produções que se alinham a outros gêneros textuais. A resenha, apontada por Seixas e Carvalho (2019) como a “crítica dos jornais”, é o gênero que funciona como “guarda-chuva” para a publicação.

Na pesquisa aqui relatada, foi feito um recorte inicial das matérias de capa, após uma leitura da primeira página de todas as edições já publicadas pelo periódico. Partindo-se da percepção de que as matérias de capa servem como destaque de suas respectivas edições, observou-se que, apesar de cobrir lançamentos do mercado editorial – mensalmente *Quatro Cinco Um* publica conteúdos críticos e de divulgação sobre novos/as autores/as e obras de distintas editoras nacionais –, a revista também dá destaque ao cânone literário em várias de suas edições publicadas entre 2017 e 2022. Essa perspectiva, em alguma medida, aponta para uma tensão editorial que permeia a identidade da publicação e o jornalismo cultural por ela publicado. Tem-se, a cada novo número e no conjunto por eles formado, um jogo intermitente de valorização da novidade, com exaltação da originalidade e inovação da produção literária contemporânea; e, ao mesmo tempo, uma exaltação da produção (autores, obras e estilos) consolidada, de reconhecimento incontestável e cristalizado, reforçando, a exemplo de outras publicações desse segmento, “uma certa tradição cultural brasileira” (LIMA, 2011).

Como reflete Lima (2011), analisando outro produto jornalístico voltado para o mercado cultural, esse destaque dado ao cânone literário também pode ser observado

---

<sup>4</sup> Ver: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/home>

no suplemento literário *Mais!*, da *Folha de S. Paulo*, onde autores canônicos ganhavam destaque em meio ao espaço que seria destinado às publicações contemporâneas. O estudo do autor, percorrendo mais de uma década do *Mais!* (1992 a 2004), indica que, no suplemento da *Folha*,

são os valores da alta literatura modernista que são utilizados como baliza para a escolha dos autores, tais como maestria técnica, concisão, exatidão, visualidade e sonoridade, intensidade, completude e fragmentação, intransitividade, utilidade, impessoalidade, universidade, novidade (LIMA, 2011, p. 4).

Lima afirma que o *Mais!* não coloca novos autores como destaque de suas discussões, preferindo manter os cânones na “linha de frente” de seus conteúdos. Uma aposta, segundo o pesquisador, no que já está posto e garantido como sucesso editorial (tanto no mercado jornalístico quanto no mercado livreiro). O que indica, nesse sentido, um culto a certas tradições e intelectualidades e, mais que isso, um movimento que se direciona diretamente para a manutenção de um certo público leitor, médio e consumidor de “alta cultura”.

Partindo desse cenário, de observação empírica de *Quatro Cinco Um* e da leitura de outros estudos sobre publicações de mesma natureza, problematiza-se nessa pesquisa sobre maneiras de construção de um certo “encaixe” da tradição literária nacional dentro da lógica editorial da “revista dos livros”. Questionam-se e analisam-se “mecanismos” textuais da publicação na constituição de uma narrativa que segue estabilizando o lugar de certos/as autores/as canônicos dentro do próprio mercado editorial, frente a novas tendências e novidades, tudo isso posto em relação, em cada edição do periódico.

Se vista como inserida na lógica de um grande dispositivo que agencia valores culturais aliando temporalidades e interesses (poderes e tradições), tal qual indicado por Agamben (2009) em relação a mecanismos contemporâneos de organização e

manutenção de um *status quo* histórico-social, pergunta-se de que maneira a revista *sacraliza* ou *profana* o campo literário, enquadrando-o (ou não) dentro de dinâmicas constituintes do mercado editorial, livreiro e jornalístico. Partindo dos conceitos de sacralização e profanação, utilizados por Agamben (2009) busca-se na pesquisa identificar modos como a revista *Quatro Cinco Um* lida com a presença do cânone literário em suas páginas, tendo em vista seu perfil editorial.

A partir do mapeamento da recorrente presença de cânones nas capas (em diálogo com o interior da revista), a pesquisa buscou compreender como ocorrem as representações das figuras canônicas da literatura brasileira em um produto de jornalismo cultural contemporâneo. O *corpus* da pesquisa compõe-se de 14 textos, publicados em seis edições da revista, representativos de ocorrências de autoras e autores de renome, ao longo da história das capas da publicação. Nesse conjunto, há representações dos autores Hilda Hilst, Clarice Lispector, Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Carolina Maria de Jesus e Mário de Andrade. A análise contou com uma etapa de descrição de cada texto, desde a apresentação do cânone na capa, passando por sua construção narrativa e sua aproximação com diferentes gêneros textuais. Foram ainda levadas em consideração as profissões exercidas pelos autores dos textos (algumas das quais já inclusas na ficha técnica da revista).

Uma outra etapa, na qual se baseia esse artigo, foi a de aproximação e diferenciação entre os textos, interpretados à luz de três eixos analíticos, construídas na tensão entre a natureza da própria empiria e os conceitos/teorias mobilizados ao longo da pesquisa: Memorialístico/ Biográfico; Jornalístico; Ensaístico/ Acadêmico. O primeiro compreende textos onde a relação dos resenhistas/ críticos/ jornalistas com os autores e obras é sobretudo memorialística, seja por sua relação pessoal com estes, seja por guiarem-se por fatores biográficos, e não propriamente literários. O segundo observa a presença de características predominantemente jornalísticas, como a busca por fontes, uso de entrevistas e uma relação muito mais explícita com a agenda de lançamentos editoriais. Por fim, o terceiro eixo observa um teor ensaístico, enquanto

um gênero capaz de reunir tanto a argumentação acadêmica quando a liberdade opinativa daqueles que o escrevem.

## 2 REVISTA DOS LIVROS, SACRALIZAÇÃO E PROFANAÇÃO

Desde sua gênese, a revista *Quatro Cinco Um* demonstrou possuir um projeto editorial bem definido. Para alcançar seus potenciais leitores, as primeiras edições foram veiculadas como encarte da revista *piauí*, que possui conteúdo jornalístico voltado a pessoas com alto nível de escolaridade e capital cultural, e que já havia utilizado essa estratégia mercadológica com sucesso no passado<sup>5</sup>. Tal estratégia é também coerente com o público-alvo da revista, definido em seu *Mídia Kit* como “formador de opinião, com poder aquisitivo e consumidor de produtos e das diversas manifestações culturais”<sup>6</sup>. Trata-se ainda de um público predominantemente masculino, com idade entre 25 e 44 anos, concentrado na região Sudeste do Brasil, com formação acadêmica e pertencente às classes economicamente favorecidas. Tais informações são consistentes com o perfil dos leitores brasileiros de revistas impressas e digitais de acordo com as edições do anuário *Mídia Dados* em 2021<sup>7</sup> e 2022.<sup>8</sup>

Apesar de buscar veicular textos com linguagem acessível, a revista aposta em produções longas, pensadas para um público que já possui hábito de leitura. Seu projeto gráfico foi pensado para refletir suas escolhas editoriais e se assemelha aos *book*

---

<sup>5</sup> No *Mídia Kit* de *piauí* lê-se: “Nossos leitores não se definem por gênero, idade ou faixa de renda. O que os une é a escolaridade, uma das maiores entre o público leitor brasileiro. São pessoas com capital intelectual, que já ocupam posições de liderança ou estão a caminho de um dia liderar, seja nas redações, no poder ou nas universidades”. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2019/11/m%C3%ADdia-kit-2020.pdf> Acesso em: 22 abr. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://media.quatrocincoum.com.br/original/451\\_midiakit\\_2018.pdf](https://media.quatrocincoum.com.br/original/451_midiakit_2018.pdf) Acesso em: 29 jul. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/> Acesso em: 20 mai. 2022.

<sup>8</sup> A edição de 2021 é a referência para a pesquisa, pois esta foi concluída no 1º semestre de 2022. Os dados mais recentes da seção “Perfil dos consumidores (revista impressa + digital)” foram consultados para este artigo, notando-se que não houve mudança considerável. Disponível em: <https://midiadados.gm.org.br/revista/perfil-dos-consumidores-revista-impressa-digital> Acesso em: 30 mar. 2023.

*reviews* estrangeiros. Nesse sentido, a revista pode ser entendida como uma “versão brasileira” desses periódicos, tendo assumidamente se inspirado em títulos como *The New York Review of Books* (EUA) e *London Review of Books* (Inglaterra), mas não possui qualquer ligação formal com eles.

É perceptível ainda a veiculação de reportagens e outras produções textuais que promovem reflexões sobre a cultura e a sociedade, tendo a resenha como carro chefe da revista, mas não se resumindo a elas. Curiosamente, essa característica vai ao encontro da presença histórica de autores em periódicos como formadores de opinião e comentaristas dos acontecimentos culturais e sociais de sua época. Em resumo, a revista se coloca como uma publicação “de grandes leitores para grandes leitores”<sup>9</sup>, promovendo leituras sobre acontecimentos culturais, sociais e políticos do Brasil e do mundo contemporâneos. Assim, busca proporcionar aos leitores um tipo de conteúdo cada vez mais escasso no mercado editorial brasileiro, como afirma seu fundador e atual diretor de redação, Paulo Werneck<sup>10</sup> (2022). Mais que isso – compartilha com o público uma ideologia ancorada na bibliodiversidade, em uma concepção de democracia em que os livros ocupam lugar de notável importância para o debate público.

A gente queria atender o público que lê livros, que estava cada vez mais sendo desassistido na imprensa tradicional. [...] O livro pode estar presente no jornal em todas as editorias. Ele não é uma coisa exclusivamente do suplemento cultural, ele pode estar presente em qualquer caderno, e a gente começou a perceber que estavam sendo extintos alguns produtos [voltados à cobertura de lançamentos do mercado editorial] [...] Então, a gente fez uma revista de resenhas. A gente tenta fazer resenhas das novidades do mercado editorial - cobrir o mercado é a nossa tarefa (WERNECK, 2022).

---

<sup>9</sup> Slogan utilizado pela revista. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/a-revista-dos-livros> Acesso em: 30 jul. 2021.

<sup>10</sup> Em sua participação no painel “Como o jornalismo cultural está se reinventando?”, durante o *Festival 3i*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVamWNuwHC0>. Acesso em: 17 abr. 2022.

Contudo, ao observar suas práticas editoriais e aproximá-la das principais concepções quanto ao jornalismo cultural (PIZA, 2004), e a veiculação de resenhas em jornais e revistas ao longo do tempo (BERTOL, 2020; SANTIAGO, 1993; SEIXAS; CARVALHO, 2019; SÜSSEKIND, 2003; VENTURA, 2015), nota-se que há uma interessante relação entre a revista e o cânone literário brasileiro, que recebe destaque em várias de suas edições. Ao considerar as lógicas do mercado editorial, refletidas pela revista em sua escolha de pautas e angulações, parece haver uma diferença entre as temporalidades acionadas pelo cânone e pelo jornalismo cultural, respectivamente.

Historicamente, o cânone (literário e outros), perpassa uma legitimação institucional (de um certo campo, de sujeitos ou instituições) que expressa valores dominantes, uma certa ideologia. Há nessa noção uma relação com o poder e com a busca por um certo controle social, uma certa estabilidade. Segundo vai afirmar Araújo (2011, p. 424)<sup>11</sup>, a partir de Reis (1992),

a noção de poder perpassa toda e qualquer tentativa de se estabelecer um cânone, sendo usados a autoridade, a ideologia, o interesse, para consolidá-lo, de forma a ter-se uma legitimação que ocorre pelo discurso e não pela comprovação de um valor imanente ao texto.

O cânone, nesse sentido, possui valor funcional, o que o coloca, numa dimensão contextual, de inscrição histórica – que pode, como no caso da literatura, remeter também a um caráter estético. O que o aproxima da ideia de dispositivo (ARAÚJO, 2011), tal qual a definição de Agamben (2005, p. 11): “disposição de uma série de práticas e de mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um

---

<sup>11</sup> O autor relembra que na atualidade o conceito de cânone está em crise, já que “[...] o processo de formação de um cânone tem sido marcado pela intervenção de minorias dirigentes, culturais e políticas, fazendo com que o cânone funcione nas mãos dessas minorias tanto como meio de difundir seus valores e se fazer respeitar quanto como instrumento de pressão política” (ARAÚJO, 2011, p. 423).

efeito". A figura do cânone literário, nesse viés, emoldurado pela lógica acadêmica, social e editorial, captura o texto literário, "sacralizando-o". Interpõe, no rol de aurores e autoras, aqueles e aquelas cujas obras possuem relevância e valor incontestável, configurando uma ideia de qualidade e autoridade. A saída para essa regulação, segundo o autor, seria a profanação desse dispositivo, restituindo "coisas, lugares, animais e pessoas" (AGAMBEN, 2007) ao seu uso comum<sup>12</sup>. "Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas fazer delas um uso novo, a brincar com elas" (AGAMBEN, 2007, p. 75). O ato profanatório, assim, "[...] é exatamente restituir a este convívio comum, tornando o indisponível disponível, o limitado e cristalizado em potência e possibilidades" (NALLI, 2016, p. 53).

Em outras palavras, como explica Baptista (2015, p. 19), a profanação tem a ver com restituir

ao livre uso dos homens aquilo que lhes foi tirado pela consagração seria o mesmo gesto de retomar para o uso comum aquilo que o dispositivo sequestrou, para poder ditar um uso considerado correto. Pela profanação, o dispositivo perde sua parcialidade e tem que se resolver com a sua terceira e mais recalcada característica. Profanado, ele não pode mais subjetivar, é a vitória da subjetividade revolucionária sobre a subjetivação constitutiva e mantenedora.

Ao lidar com o cânone literário, que jogo<sup>13</sup> propõe *Quatro Cinco Um?* Que usos para e sobre os textos em destaque aparecem na revista e como isso ajuda a pensar o contexto editorial, literário e histórico aos quais ela se remete? O recorte temático da pesquisa aqui relatada foi formulado quando, ao ser realizado o estudo exploratório, percebeu-se tal presença do cânone nas capas da revista. Seguiu-se então uma investigação conceitual quanto ao cânone, o clássico e o lugar da crítica no jornalismo

---

<sup>12</sup> Paz (2018) explora essa ideia do uso em Agamben.

<sup>13</sup> Lembra-se aqui a ideia de jogo proposta por Agamben (2007, p. 59-60): "o jogo quebra essa unidade: como ludus, ou jogo de ação, faz desaparecer o mito e conserva o rito; como jacus, ou jogo de palavras, ele cancela o rito e deixa sobreviver o mito". Ver também Sanches e Silva (2018).

cultural. A aparente divergência foi levantada devido à distinta relação dos cânones e clássicos com a temporalidade, definida pela indiferença no primeiro, e superioridade no segundo (ARAÚJO, 2011), enquanto o jornalismo cultural é guiado por uma relação muito mais próxima e imediata com o tempo, devido a seus critérios de noticiabilidade e novidade. Adicionalmente, através do contato com os conceitos de “sacralização” e “profanação”, como trabalhados por Agamben (2007), estes foram utilizados como modo de analisar as representações do cânone construídas pela revista.

Para Agamben, como já explorado aqui, a profanação se constitui como um processo em que algo tornado sagrado, portanto afastado da humanidade, é colocado de volta ao uso dos homens. Nos termos de uma hipótese, em *Quatro Cinco Um*, compreendemos que tais processos podem ocorrer à medida que o cânone passa por movimentos de atualização quando surge como pauta e destaque nas edições. Mas de fato isso acontece? Se sim, de que maneira?

O problema de pesquisa, que diz das representações do cânone na revista, inclui um olhar para os modos como o jornalismo cultural lida com figuras cuja validação pela crítica já parece consolidada e com pouca movimentação em direção ao futuro, a uma possível atualização desses nomes e obras canonizadas. Retomando a fala do criador e atual diretor de redação da revista, Paulo Werneck, para a mesa do festival *3i*, é perceptível que há uma preocupação em não “cancelar o cânone”, mas apresentá-lo às novas gerações. Isto seria possível através de novas leituras das obras dentro dos contextos atuais, onde novas pautas são colocadas em foco, e a busca por uma maior diversidade de representações lembra os movimentos de inclusão das expressões de minorias dentro dos agrupamentos canônicos (CALEGARI, 2012). Assim, é a relação com a contemporaneidade que poderia gerar uma atualização do cânone pela crítica literária produzida pelo jornalismo cultural, aproximando-o do tempo presente, das discussões e das produções culturais da atualidade. Esse movimento quebraria com a relação até então estabelecida entre estes autores e textos e a temporalização, com a intemporalidade de forma (cânone) e conteúdo (clássico).

---

Agamben (2009) escreve que o sujeito contemporâneo é aquele capaz de ter consciência sobre o tempo em que está vivendo. Este sujeito não está completamente imerso no tempo em que vive (daí sua inadequação, sendo deslocado e anacrônico em relação ao tempo corrente) e, por isso, é capaz de ter uma relação de distanciamento, o que o torna capacitado para olhar sua própria época. Enquanto o cânone/clássico mantém uma relação de indiferença/superioridade à temporalização/ ao que é contemporâneo, o jornalismo possui uma relação com o tempo guiada pela periodicidade, de modo que as pautas culturais refletem, em sua maioria, as novidades do tempo presente.

Nesse sentido, voltamos à indagação sobre a ocorrência de representações do cânone em um veículo de comunicação, dado que este mesmo cânone estaria ligado a uma lógica alheia aos movimentos do mercado editorial e do jornalismo cultural. Esta indagação está diretamente ligada aos processos da revista, visto que enquanto produto contemporâneo, ela está ligada à sua época, seja por seu perfil editorial, tratando da cultura de maneira interligada às discussões atuais – lembrando o sujeito contemporâneo descrito por Agamben, refletindo sobre sua própria época – seja por sua natureza jornalística, trabalhando com a atualidade. Este aparecimento está ligado também à movimentação no mercado editorial, que parece manter o cânone atual em certa medida, o que será discutido ainda neste artigo.

Para questionar e buscar compreender essas representações, tomaremos os conceitos de sacralização e profanação, também investigados por Agamben (2007). O filósofo reflete sobre a sacralização como um processo em que as coisas saíam da esfera do direito humano, passando a pertencer aos deuses, tornando-se “sagradas” ou “religiosas”, enquanto a profanação é o processo em que estas coisas, indisponíveis devido à sua aura celeste, retornam ao uso humano. Para ele, “ambas as operações são políticas, mas a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado; a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado” (AGAMBEN, 2007, p. 61).

Entendemos estes conceitos como formas interessantes de apontar os processos que ocorrem nos textos veiculados pela revista, onde são perceptíveis gradações entre o movimento de atualização do cânone na revista, o qual vamos nomear como profanação, e o movimento de reforço do cânone, que vamos nomear como sacralização.

### 3 CÂNONE, CLÁSSICO E JORNALISMO CULTURAL

Com origem religiosa, o termo “cânone” foi inicialmente usado para designar os livros sagrados da Igreja Cristã. Com a secularização da cultura pós Renascimento, o termo passou a ser aplicado na literatura para se referir aos textos compreendidos como modelos, clássicos, ou obras-primas de uma determinada cultura. Há ainda um fator de imposição, leitura orientada, ou ainda um valor de autoridade e controle atribuído aos cânones, partindo de um entendimento que tais obras são dotadas de valores essenciais, que devem ser transmitidos a cada geração. Como define Petricci (1999), a tradição literária do Ocidente elaborou seus cânones com a rigidez necessária para “reproduzir os valores ideológicos, culturais e políticos que há mais ou menos dois séculos são a base da visão do mundo ocidental” (PETRICCI, 1999, p. 207), sendo eles reforçados por instituições sociais como escolas e universidades.

No Brasil, a formação do cânone literário teve forte vínculo com a construção de uma identidade nacional, com a busca por diferenciação dos padrões clássicos ocidentais (CAIRO, 2001). Essa busca foi influenciada pelas ideias românticas europeias e pela “criação do conceito de literatura nacional como expressão maior da evolução espiritual de uma nação” (CAIRO, 2001, p. 34-35). Assim, os periódicos do século XIX tiveram papel importante na construção da identidade literária nacional e na definição do cânone, através da publicação de textos que abordavam temas como a nacionalidade e a originalidade da literatura brasileira. Tratava-se de uma crítica literária de matriz romântica, responsável por arquitetar uma História da Literatura

Brasileira, enfim construída com o advento da crítica literária realista (BERTOL, 2020; CAIRO, 2001).

Contemporaneamente, há críticas que se voltam aos cânones e à canonização. Enquanto diferentes correntes teóricas defendem uma leitura estrita dos textos, buscando um modo de estudá-los de forma mais científica, como parte de um “projeto comum de estatuir modelos confiáveis de verificação para validar seus pressupostos teóricos e/ou metodológicos” (QUEIROZ, 1997, p. 22), há movimentos opostos, destacadamente aqueles dos Estudos Culturais, que apontam os fatores ideológicos e históricos nos processos de canonização. Essas correntes questionam a classificação de certos textos como canônicos e o status que eles recebem, muitas vezes considerado inquestionável e supostamente justificado por suas qualidades estéticas. Ao voltar-se à temática, destacando o advento da crítica marxista, feminista e pós-colonial, Calegari (2012) explica, porém, que a inclusão de autores não ocidentais ou de minorias sociais não resolve o problema da canonização, que precisa ser destrinchada e examinada em seus vínculos com as formas de poder.

Ainda nesse sentido, Araújo (2011) fala sobre as tentativas de intervenção no cânone literário por parte das minorias, visando difundir seus valores e gerar pressões políticas. Apesar de proporem uma configuração de cânone que preza pela diversidade, a lógica de disputa de poder permanece presente. As alternativas propostas para resolver o problema de exclusão das minorias, como a abertura do cânone ou a criação de cânones locais, são insuficientes, visto que tal inclusão se dá através da identificação com o texto, o que é utilizado pelas minorias em seu favor, apoiando-se na relação de diferença com os cânones ocidentais. Logo, como conclui Sullà (1998), a supressão completa do cânone pode ser a única solução, visto que sua formação é baseada em exercícios de autoridade e exclusão. É importante compreender que as interpretações literárias estão ligadas aos valores do leitor e que a definição do cânone é influenciada pelos interesses e modos de atribuição de sentido dos especialistas. Para entender as tensões que suas representações no jornalismo

cultural implicam, é preciso definir a relação do cânone com a temporalização, havendo semelhanças e diferenças entre os cânones e os clássicos interessantes para a compreensão.

A formação do cânone pode ser criticada por sua aparente resistência à temporalidade, já que se pressupõe que a qualidade estética dos textos é perene e, portanto, indiferente à passagem do tempo. Já o clássico é valorizado por sua intemporalidade, atribuída a seu conteúdo e não a sua forma. Segundo Araújo,

[...] houve uma desqualificação do cânone estético – considerado impossível, pois sua almejada extemporaneidade é inatingível – em favor da premissa de temporalização e do postulado de inovação. Já se pode entrever uma diferenciação entre cânone e clássico, segundo a qual os clássicos apresentariam um conteúdo superior e intemporal (ARAÚJO, 2011, p. 430).

Logo, a desqualificação do cânone estético tem como base um novo padrão dominante (que passa também pelo conceito moderno de literatura) que valoriza aqueles textos que prezam pela inovação, pela excentricidade e pelo ineditismo tanto em conteúdo quanto em forma. No fim, ambos, cânone e clássico, apresentam uma ideia de superioridade e destaque perante a produção literária em massa.

Em seu ensaio, *Por que ler os clássicos?*, Calvino (2007) busca explicar a importância das obras clássicas na formação dos indivíduos, destacando sua universalidade e intemporalidade. Segundo o autor, os clássicos são obras que trazem consigo as marcas de leituras que precedem a nossa; possuem qualidades que dizem de sua presença na cultura e ocupam um lugar de destaque na história literária e na recepção crítica. Apesar de seu lugar no tempo ser por vezes questionado, tais textos permanecem relevantes para a formação humana, sendo merecedores de releituras constantes. Para Calvino, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (p. 11), de modo que há uma relação de continuidade do clássico que o coloca acima da contemporaneidade. Se o cenário ideal descrito por Calvino

inclui afastamento da atualidade, o jornalismo cultural joga contra tal ideal, quando busca suas pautas naquilo que há de mais recente no campo literário.

Parte de um contexto histórico de grandes mudanças sociais, o jornalismo acompanhou a ampliação da indústria cultural, sobretudo a partir do século XX:

As revistas culturais se multiplicaram a partir dos anos 20 e as seções culturais da grande imprensa diária ou semanal se tornaram obrigatórias a partir dos anos 50; pode-se dizer, portanto, que acompanharam os momentos-chave de ampliação da tal 'indústria cultural', numa escala que hoje converteu o setor de entretenimento num dos mais ativos e ainda promissores da economia global (PIZA, 2009, p. 43-44).

Tal modelo de jornalismo cultural que vemos hoje, ligado ao mercado de bens de consumo, está diretamente ligado a mudanças na sociedade, onde um mercado editorial em crescimento levou a uma demanda por divulgação suprida pela imprensa e pelo jornalista profissional (SEIXAS; CARVALHO, 2019; PIZA, 2009). Considerando essa necessidade de afastamento do contemporâneo para apreciação dos textos considerados clássicos (e que estendemos também à leitura dos cânones), a representação de figuras canonizadas em capas de uma revista como a *Quatro Cinco Um* ancora-se ao senso de novidade, do ponto de vista jornalístico. A análise feita buscou identificar se a canonização segue ou se as representações promovidas pela revista se diferenciam de alguma forma, aproximando-se de uma profanação. Concluiu-se que a relação com a atualidade é insuficiente para uma real atualização do cânone, que segue sacralizado na maior parte dos textos selecionados.

#### 4 O CÂNONE NA QUATRO CINCO UM

Para analisar as representações feitas pela revista, foi feito um recorte de seis capas (Figura 1) que trazem personalidades literárias reconhecidas por seu lugar de relevância para a literatura brasileira. Buscou-se manter uma equidade de gênero (três

homens e três mulheres), com autores pertencentes a uma variedade de épocas. São eles: Hilda Hilst (edição 13, julho 2017); Clarice Lispector (edição 21, abril 2019); Machado de Assis (edição 28, novembro 2019); João Cabral de Melo Neto (edição 43, março 2021); Carolina Maria de Jesus (edição 48, agosto 2021); Mário de Andrade (edição 49, setembro 2021). É importante pontuar que duas dessas escritoras, Hilda Hilst e Carolina Maria de Jesus, podem ser consideradas pertencentes a um “novo cânone”, parte do movimento de repensar a diversidade de nomes canonizados, anteriormente desvalorizados ou apagados da História da Literatura, seja por razões intrínsecas às obras, seja por razões extrínsecas a ela, apontando para relações de poder nas estruturas sociais, destacadamente no caso da última, autora negra, empobrecida e periférica.

Figura 1 – Capas das edições da *Quatro Cinco Um*



Fonte: Montagem autoral a partir de imagens da internet (2023)

Como visto até então, o cânone funciona como modo de legitimar a literatura, em processos que atribuem autoridade a certos textos em detrimento de outros. Processos que são perpassados pelas ideologias de sujeitos e grupos. Os valores que permeiam a formação dos cânones e que guiam as avaliações da crítica acabam sendo

refletidos no jornalismo cultural (que possui seus próprios paradigmas) feito por um veículo especializado como a *Quatro Cinco Um*, onde a figura dos jornalistas se mistura com a dos especialistas. Através da leitura e descrição dos textos do recorte, foi observada uma variedade de modos como tais representações são construídas, em movimentos que ora legitimam, aproximando-se da sacralização, ora buscam atualizar o cânone, aproximando-se de uma possível profanação, mesmo quando tratam-se de autoras que passaram por um processo de canonização recente (Hilda Hilst e Carolina Maria de Jesus).

Um dos modos aparentes de realizar a legitimação dos cânones brasileiros apresentados é a sua aproximação com outros nomes também canônicos tanto da literatura nacional quanto estrangeira. A partir desses movimentos de aproximação, parece haver uma busca por maior credibilidade das análises, seja refletindo movimentos comparatistas dentro da área de Estudos Literários, seja a fim de demonstrar o conhecimento e a capacidade crítica dos colaboradores da revista. Essa estratégia aparece em boa parte dos textos que apresentam mais características do eixo **Ensaístico/ Acadêmico**, como em *João Cabral sem ambiguidades* (ed. 43, mar. 2021), em que Odorico Leal apresenta as inspirações do escritor em diferentes momentos de sua obra poética. Há uma série de nomes sendo ligados uns aos outros no seguinte trecho:

Cabral admite muito naturalmente a influência de Drummond, por exemplo, na entrevista a Ferreira Gullar, em 1987. Diz: 'Até aí só conhecia a poesia de Schmidt, Bandeira, mas foi a dicção áspera de Drummond que me mostrou uma poesia sem aquela oratória escorregadia que me irritava'. A menção a Drummond serve para dar carga ao seu horror à 'oratória escorregadia', que assola mesmo os mais destacados poetas modernistas brasileiros — mesmo, aliás, Drummond, em algum ponto. Ou Murilo Mendes, mencionado mais adiante na mesma entrevista. Murilo, que, diz Cabral, 'às vezes terminava o poema com uma frase conceitual e, com isso, desequilibrava o poema' (LEAL, 2021, p. 26-27).

Há também a presença de nomes da literatura estrangeira, T. S. Elliot e William Carlos Williams, mas é o encerramento, com a tríade formada por Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar, que reforça a lógica analisada. No trecho, Leal coloca lado a lado nomes de autores presentes desde os primeiros parágrafos, e reforça sua qualidade, defendida ao longo do texto, com a frase simbólica: “A Musa esteve muito bem servida no século 20 do Brasil”. Tal frase parece implicar, para além de um retorno ao passado, a ideia que a dita “Musa” não está mais bem servida atualmente, o que lembra a nota de Calvino (2007) sobre a superioridade do clássico, localizado em um passado, quando em relação com a contemporaneidade.

Em *Viagem pelas Viagens de Mário de Andrade* (ed. 48, set. 2021), Silviano Santiago também faz conexões com diversos nomes do campo das artes, da literatura e da crítica – Filippo Marinetti, Alphonsus de Guimarães, Carlos Drummond de Andrade, Aleijadinho, Kafka, Antonio Candido – alguns em citação breve, outros em relação intensa com a vida e a obra do modernista. Stephanie Borges, em *Reorganizando o Quarto de Despejo* (ed. 48, ago. 2021), também coloca Carolina Maria de Jesus em diálogo com outros nomes – as norte-americanas Audre Lorde e Alice Walker. Neste último caso, além de promover uma análise sobre a obra *Quarto de despejo*, defende seu lugar na literatura, com relevância não somente enquanto relato, mas enquanto obra de arte. Esse movimento de defesa de Carolina Maria de Jesus como escritora e como artista passa, portanto, pela comparação com outras autoras similares, nomes já bastante conhecidos no meio literário e das ciências humanas, sobretudo aqueles voltados para os estudos étnico-raciais.

Ao deixar de pensar em Carolina como uma cronista da favela, é possível perceber a habilidade com que os seus relatos misturam o desejo por uma vida melhor, as críticas à desigualdade social e à violência doméstica; mas abordam a solidão e o anseio por relacionamentos afetivos que preservem a autonomia da mulher. Assim, é possível compreender *Quarto de despejo* como uma leitura importante não apenas para refletir sobre a sociedade brasileira, mas também sobre a subjetividade e a sensibilidade de mulheres negras (BORGES, 2021, p. 23).

Em resumo, o “novo cânone” representado por Carolina Maria de Jesus é alinhado com o “novo cânone” representado pelas duas autoras norte-americanas, e sua leitura enquanto nome relevante para a literatura em um sentido estético precisa ser defendido, justificado. Isto não ocorre com nomes como João Cabral de Melo Neto e Mário de Andrade. Tal movimento lembra o que dizem Araújo (2011) e Calegari (2012) sobre a busca por parte das minorias de incluírem novos títulos aos cânones então estabelecidos. A busca por maior representatividade, guiada pela relação de diferença e identificação com os textos, não resolve o problema existente pelo próprio processo de canonização, que estabelece a diferença entre textos, com relações de superioridade e inferioridade entre eles. Parte de um momento histórico e cultural que busca retomar e reconhecer nomes até então invisibilizados ou esquecidos pelas instituições e pela crítica, Carolina Maria de Jesus aparece na revista como destaque, mas em textos que precisam mobilizar argumentos e discussões às quais autores/as já reconhecidos/as como canônicos/as não precisam ser submetidos/as.

Ainda a fim de discutir a representatividade na revista, a edição 28 chama a atenção e revela-se um caso curioso. A capa traz a imagem colorizada de Machado de Assis, anunciando, quando associada à chamada de capa, a presença de textos voltados à literatura negra. Ao trazer Assis como destaque, junto a tal chamada, parece haver uma adesão ao movimento de reconhecimento do escritor, que passou por um processo histórico de embranquecimento, como sujeito negro. Porém, em nenhum dos textos sobre Machado de Assis presentes na edição este recorte é utilizado de forma específica. Parece haver uma aproximação forçada do autor com a pauta de destaque na revista, utilizada em outros textos da mesma edição, com outros livros e autores. Assim, a revista aposta na presença de um dos maiores cânones literários brasileiros

ao mesmo tempo em que busca garantir para si um posicionamento atual enquanto veículo de jornalismo cultural<sup>14</sup>.

A adesão às pautas contemporâneas, embora promovam a inclusão de autores, como a própria Carolina Maria de Jesus, e possíveis novas leituras para nomes já muito consagrados, como Machado de Assis, não parte de um questionamento do cânone e do clássico. Desse modo, não há rompimento com o passado. O que parece ocorrer é um acompanhamento das movimentações do mercado cultural e editorial, que passa pela cobrança atual por representatividade e identificação de minorias sociais.

Os dois textos sobre Machado de Assis (**Figura 3**), *Os embalos da semana com Machado de Assis* (ed. 28, nov. 2019) e *Como dar vida a um defunto autor* (ed. 28, nov. 2019) foram identificados como predominantemente **Jornalísticos**. Ainda que existam elementos tanto biográficos quanto interpretativos, é a relação com o mercado editorial que se sobressai neste eixo, além de outras características, como o uso de fontes para a sua construção, presente também em *A arte de Carolina*, que integra o agrupamento, sendo facilmente identificável como reportagem (**Figura 2**). O outro título analisado à luz deste agrupamento foi *Em busca da eternidade* (ed. 13, jul. 2018), texto de Luciana Araújo Marques que, além de servir como resenha do filme e livro *Hilda Hilst Pode Contato* (2018), volta-se aos processos criativos da cineasta Gabriela Greeb. O outro texto voltado à Hilda Hilst foi analisado como predominantemente **Memorialístico/Biográfico**, por razões explicitadas a seguir.

---

<sup>14</sup> Na edição 39 (nov. 2020) há um texto sobre Machado de Assis em que é feito o recorte racial: *Negro genial*, de Tom Farias. Esta edição não entrou para o recorte final da pesquisa.

Figura 2 – Páginas internas com os textos “A arte de Carolina” (ed. 48, ago. 2021) e “Em busca da eternidade” (ed. 13, jul. 2018).



Fonte: Reprodução dos autores (2023)

Similarmente à Carolina Maria de Jesus, a escritora, apesar de ter sido desde cedo muito elogiada pela crítica, não viu sua obra ter alcance de público que desejava. Seu reconhecimento recente é destacado por Sérgio Cohn em *Uma tarde na Casa do Sol* (ed.13, jul. 2018). Consistindo em um relato guiado pela subjetividade da memória do autor, não há uma análise crítica da obra de Hilst, ou mesmo uma reconstrução de partes de sua biografia, o que é feito em *Museu de tudo* (ed. 43, mar. 2021) e *Língua de fogo* (ed. 48, ago. 2021). Há, portanto, uma abordagem muito mais subjetiva para falar da autora, parte do “novo cânone”.

Essa abordagem subjetiva é utilizada também para os textos que se voltam à Clarice Lispector, também analisado como, sobretudo, **Memorialístico/ Biográfico**. *Diante do Espelho* (ed. 21, abr. 2019) mostra-se muito diferente e ousado quando em comparação aos demais textos, visto que seu autor, Thyago Nogueira, certamente não teria como reconstruir fielmente o encontro entre Clarice Lispector e Claudia Andujar, e assim, toma a liberdade criativa para recriar cenas e pensamentos das artistas. Para

isso, toma como base declarações de ambas em outros momentos, como entrevistas, e tem os pontos em comum entre ambas como guia.

Com um aprofundamento maior na obra, Eucanaã Ferraz escreve uma resenha de *Todas as Crônicas* (2018), e também propõe discussões que remetem a reflexões do campo dos Estudos Literários. Não recorre aos jargões de Silviano Santiago para isso, mas apresenta um cuidado ao tratar sobre a obra da escritora que não aparece como objetivo central nos textos sobre Hilst. Uma característica os une, no entanto: a narrativa em primeira pessoa, o uso das memórias afetivas dos próprios autores sobre suas relações com os textos. Ferraz foi leitor de Lispector, e Cohn leu seus poemas preferidos de Hilst para a própria, levando-a às lágrimas.

Ao final da entrevista, já todos embriagados do vinho e da conversa, Hilda perguntou se realmente gostávamos da sua poesia. Dissemos que sim. Então ela pediu que lêssemos para ela os poemas dela de que mais gostávamos. Foi uma cena marcante: sentamos a seu redor, eu no parapeito da janela, e começamos a ler nossos versos preferidos, enquanto ela chorava copiosamente no centro. Fizemos algumas rodadas de leitura, entrando cada vez mais numa realidade alterada que aquela Casa do Sol parecia fustigar (COHN, 2018, p. 14-15).

Mas eu descobri Clarice Lispector antes de *A descoberta do mundo*, quando li *Água viva*, livro publicado em 1973. Jovem e iniciante leitor, vivi a impressão profunda de uma obra perturbadora, que não era um romance, absolutamente; que tampouco se tratava de poemas; que lembrava um diário, não sendo; que tinha algo de ensaio filosófico, muito embora seu fluxo enovelado, estranho, não buscasse senão exprimir sensações acerca da escrita e da criação artística; e não bastava dizer que era um feixe de anotações livres sobre as coisas do mundo e sobre o tempo (FERRAZ, 2019, p. 12-15).

O uso da primeira pessoa marca um lugar de subjetividade que parece ir contra os princípios da crítica acadêmica, baseada na teoria e buscando meios de realizar análises com credibilidade científica, e também do ideal de objetividade jornalística difundido na contemporaneidade. Em contrapartida, parece lembrar o jornalismo opinativo, comumente associado ao jornalismo cultural e à crítica de literatura em

veículos jornalísticos. Porém, os usos da primeira pessoa nos textos da *Quatro Cinco Um* mostram nuances diferentes e interessantes. No caso de Eucanaã Ferraz, que assina *Uma literatura sem literatura* (ed. 21, abr. 2019), sobre coletânea de Lispector, suas memórias e impressões pessoais são associadas às discussões de cunho biográfico e literário, como a abordagem da crônica enquanto gênero textual nos jornais, um “gênero menor” que se distancia da grande literatura.

No caso de Cohn, o uso da primeira pessoa não é apenas um recurso, mas uma característica praticamente natural do texto, que se trata de um relato. Nos textos *Reorganizando o Quarto de despejo*, de Stephanie Borges (ed. 48, ago. 2021) e *Viagens pelas viagens de Mário de Andrade*, de Silviano Santiago (ed. 49, set. 2021) o recurso aparece sem que haja grandes interferências no conteúdo. Já em *O herói sem apeço*, de Cristino Wapichana (ed. 49, set. 2021), seu uso atribui sentido ao texto, tanto pela aparente mudança de narrativa quanto pela aparente provocação realizada quando o autor parece tentar estabelecer um diálogo direto com Andrade, cujo livro recebeu críticas devido à sua representação indígena caricata.

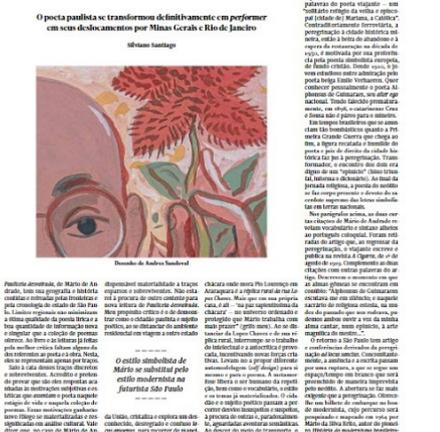
Característica marcante em muitos dos objetos da análise, a nostalgia evidencia-se pela presença do biográfico e do memorialístico em textos como *Uma tarde na Casa do Sol* (ed. 13, jul. 2018), com sua escrita em primeira pessoa; *Diante do espelho* (ed. 21, abr. 2019), com sua ficcionalização a partir de um acontecimento real do passado (**Figura 3**); *Viagem pelas viagens de Mário de Andrade* (ed. 49, set. 2021), com a reconstrução do percurso geográfico e literário do escritor, promovendo um mergulho em seu passado e no contexto subjetivo de sua obra. Passagens como o parágrafo final (**Figura 3**) de *João Cabral sem ambiguidades* (ed. 43, mar. 2021) também revelam nostalgia do autor do texto, que parte de sua subjetividade e relacionamento com as obras e autores aos quais faz referência ao mesmo tempo em que busca se aproximar do leitor (“nossos anos escolares”).

De modo geral, o que fica claro é que as pautas são sempre guiadas por algum fator de interesse jornalístico para o modelo de jornalismo cultural adotado pela

revista. Ainda que canônicos, com uma obra produzida no passado e um público seletivo, estes autores são reeditados pelo mercado editorial, o que lhes confere atualidade para a revista. Assim, um texto sobre Hilda Hilst está ligado à sua homenagem da *Flip 2018* e ao lançamento de um novo filme e livro; Clarice Lispector tem sua obra reeditada em uma coletânea; o mesmo que acontece com João Cabral de Melo Neto, cuja fotobiografia e coletânea chegam ao mercado; há a publicação de um novo volume de crônicas atribuídas a Machado de Assis, ao mesmo tempo, novas traduções de sua obra são preparadas; Carolina Maria de Jesus é reeditada e se torna objeto de homenagem em uma exposição de arte. Mário de Andrade foi o único autor do recorte que escapou de tal lógica, não sendo clara a razão pela qual os textos de Santiago e Wapichana foram pautados pela revista.

Apenas esses movimentos editoriais, que mostram uma atualidade do cânone, que ainda se torna objeto de interesse das editoras e do setor cultural, não são suficientes para afirmar haver uma atualização promovida pela revista. O que chamamos de sacralização é um processo revivido, reforçado e validado pela revista quando esta aposta mais na nostalgia e em análises da obra que olham mais para o passado que para o presente. A comparação com outros autores acaba servindo mais como demonstração de intelectualidade que como proposição de novas leituras.

Figura 3 – Páginas das textos “Como dar vida a um defunto autor” (ed. 28, nov. 2019); “João Cabral sem ambiguidades” (ed. 43, mar. 2021); Diante do espelho (ed. 21, abr. 2019); “Viajem pelas viagens de Mário de Andrade” (ed. 49, set. 2021)



Fonte: Reprodução do autores (2023)

O texto de Wapichana é representativo, pois se trata de um dos únicos onde é possível pensar em um movimento contracanônico. Sua crítica poderia evoluir e tornar-se maior caso houvesse investimento do autor, que acaba cedendo ao elogio do cânone, e da revista, que divide seu espaço com um texto que analisa, mas não avança a discussão quanto a obra de Andrade, embora tenha o peso de um dos grandes críticos literários do país a seu favor.

Seu Mário, não tenho dúvidas de sua extraordinária capacidade intelectual, humana, artística, estética, pesquisadora, de inquietude visionária, nacionalista, regionalista, a ponto de valorizar as vertentes interioranas do Brasil e levá-las ao patamar do dito erudito. Não escondo minha absoluta

admiração e meu respeito pelo legado deixado para o povo brasileiro com o modernismo (WAPICHANA, 2021, p. 29).

Outro exemplo de texto que, diferente dos demais, avança as discussões, não por criticar ou romper com o cânone, mas por propor uma leitura contemporânea, trata-se de 'É o cemitério' (ed. 43, mar. 2021), de Marise Hansen, capaz de reunir teoria, história, poesia e o horror das imagens da morte da pandemia de Covid-19. Nele, a autora extrai dos poemas de João Cabral de Melo Neto a beleza e o choque necessários para promover uma sensibilização dos leitores em uma produção que pode ser de interesse tanto literário quanto jornalístico.

Os livros *Paisagens com figuras* (1955) e *Quaderna* (1960) apresentam um conjunto de sete poemas sobre cemitérios nordestinos cuja geografia, arquitetura e topografia põem em funcionamento imagens que constituem formas de denúncia da miséria que flagela a vida. Se o cemitério é pobre, por analogia, equivale à penúria que acometeu os enterrados; se rebuscado, por dessemelhança, contradiz de forma desonesta essa mesma carência. A concepção do cemitério, "espaço outro" ou heterotopia, como *tópos* poético escancara um tabu, ou ainda, um duplo tabu, já que não só a morte e suas extensões (cadáveres, decomposição, ossos, túmulos), mas também a miséria sub-humana, são ostensivamente postas a nu (HANSEN, 2021, p. 28-29).

Nele, a autora extrai dos poemas de João Cabral de Melo Neto a beleza e o choque necessários para promover uma sensibilização dos leitores em uma produção que pode ser de interesse tanto literário quanto jornalístico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a revista *Quatro Cinco Um* afirme seu interesse nas discussões contemporâneas e no papel da cultura, especialmente da literatura, na promoção do debate público, quando opta pela representação dos cânones literários parece contradizer seu próprio discurso pois, acaba publicando, em sua maioria, conteúdos

que não avançam em tais debates, o que fica evidente nas estratégias narrativas das quais os colaboradores lançam mão na maior parte dos textos do recorte analisado. A revista, insere-se no paradigma do jornalismo cultural, guiado pelas lógicas do mercado de consumo, em que se inclui o mercado editorial, para pautar seus colaboradores e planejar suas edições mensais. Como observado, essa forma de trabalho associada aos valores já enraizados sobre os cânones leva à uma divulgação de lançamentos de autores e livros já amplamente comentados e convencionalmente estudados. Embora o relacionamento próximo com o mercado se mostre necessário para a sua existência em meio ao circuito de produtos jornalísticos comerciais, ela deixa alguns de seus valores de lado como veículo de comunicação que pretende refletir seu tempo. A questão se torna ainda mais problemática quando consideramos que muitos dos colaboradores parecem distantes dos propósitos da revista e de qualquer busca por atualização do que já é estabelecido.

A maioria dos textos analisados se concentra na exaltação do cânone literário, evocando sentimentos nostálgicos com base no relacionamento subjetivo dos críticos/resenhistas com os autores e obras que por sua vez, permanecem em um passado onde o cânone foi elevado por suas supostas qualidades estéticas e valores culturais, históricos ou sociais. Não há necessariamente uma conexão com a atualidade anunciada por sua presença na revista, que poderia ser concretizada caso houvessem movimentos mais críticos e inovadores. Para a pesquisa realizada, apenas dois textos se sobressaíram como exceções: *O herói sem apreço*, de Cristino Wapichana, que critica a representação indígena feita por Mário de Andrade em *Macunaíma*, e *É o cemitério*, de Marise Hansen, que parte de poemas de João Cabral de Melo Neto para pensar as imagens de morte da pandemia de Covid-19.

Curiosamente, mesmo em textos que parecem apenas sacralizar o cânone, há indícios de possíveis caminhos para a profanação. Isto é perceptível não apenas nas análises dos textos de Cristino Wapichana e Marise Hansen, que apresentam interpretações mais ousadas quanto às obras e autores criticados, como também nos

demais. Os colaboradores demonstram conhecimento e criatividade suficiente para a elaboração de textos profanadores, ainda que, nas produções aqui analisadas, tenham se recolhido à uma posição sacralizadora. A inventividade de Thyago Nogueira ao tratar do encontro entre Lispector e Andujar, o entrelaçamento entre resenha e memória de Eucanaã Ferraz ao relembrar seu contato com as crônicas claricianas, e o comprometimento de Yasmim Santos, Stephanie Borges e Tom Farias em evitar o lugar comum ao tratar de Carolina Maria de Jesus são alguns dos exemplos do uso do espaço da revista dos livros para o exercício de uma potencial crítica literária jornalística muito menos tímida em suas análises, na contramão do já dito e do já feito.

A partir de 2022, a revista *Quatro Cinco Um* tem apresentado um número maior de capas voltadas a interpretações do Brasil contemporâneo, inclusive com representações figurativas de autores contemporâneos como o brasileiro Geovani Martins (ed. 63, nov. 2022) e a nigeriana Chimamanda Adichie (ed. 67, mar. 2023). A aparente mudança pode ter acompanhado as tensões políticas e sociais daquele ano, somando-se às capas com figuras do meio literário, outras representações, como na edição 54, de fevereiro de 2022, que trouxe como capa o ativista de Paulo Galo, articulador da greve “breque dos aplicativos”, que reivindicou melhores condições de trabalho para entregadores, e a edição 61, de setembro do mesmo ano, que destacou os 200 anos de Independência do Brasil e os sentidos atuais levantados pela comemoração. A revista parece, assim, assumir maiores riscos em sua abordagem jornalística para além da cobertura de lançamentos do mercado editorial, mas sim, como periódico articulador de opiniões sobre os temas da atualidade, mesmo aqueles que não possuem relação com os livros e a literatura. Mostra-se, portanto, necessário que novas investigações tenham curso para a compreensão dos avanços do jornalismo de livros que, embora escasso no país, resiste, seja em vias tradicionais, como a própria *Quatro Cinco Um*, seja através de publicações alternativas.

## AGRADECIMENTOS

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: “A exceção e o excesso”. **Outra travessia: Revista de Literatura**, Curso de Pós-Graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina, n. 5, p. 9-16, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALENCAR, José Almino de. Museu de tudo. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 43, mar. 2021.

ARAÚJO, Daniel Teixeira de Costa. O cânone literário em perspectiva: o caráter político em detrimento do estético. **Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária**, Anápolis, v. 3, n. 2, p. 415-434, jul./dez. 2011.

BAPTISTA, Mauro Rocha. A profanação dos dispositivos em Giorgio Agamben. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 13, p. 10-23, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26000/18902>  
Acesso em: 04 abr. 2023.

BERTOL, Rachel. Anacronias da crítica literária em jornal: a transição da matriz romântica ao rodapé. **Intercom - RBCC**, São Paulo, v. 43, n. 1, p.53-70, jan./abr. 2020.

BORGES, Stephanie. Reorganizando o Quarto de despejo. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 48, ago. 2021.

CAIRO, Luiz Roberto Veloso. Memória cultural e construção do cânone literário Brasileiro. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 32-44, 2001.

CALEGARI, Luis Carlos. O cânone literário e as expressões de minorias: Implicações e Significações Históricas. **Revell - Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 2, n. 5 temático, p. 29-44, dez. 2012.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Paula. Como dar vida a um defunto autor. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 28, nov. 2019.

COHN, Sérgio. Uma tarde na Casa do Sol. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 13, out. 2018.

FARIAS, Tom. Língua de fogo. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 48, ago. 2021.

FERRAZ, Eucanaã. Uma literatura sem literatura. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 21, abr. 2019.

HANSEN, Marise. 'É o cemitério'. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 43, mar. 2021.

LEAL, Odorico. João Cabral sem ambiguidades. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 43, mar. 2021

LIMA, Marcelo Fernando de. O cânone no jornalismo cultural: permanência de valores modernistas na avaliação da literatura brasileira no suplemento Mais! da Folha de S. Paulo no período de 1992 a 2004. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC; 12. 2011. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2011. p. 1-9.

MARQUES, Luciana Araújo. Em busca da eternidade. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 13, out. 2018.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. Sobre o que significa agir politicamente: a propósito de algumas idéias em Agamben. **Profanações**, v. 3, n. 1, p. 38–57, 2016. Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v3i1.1091>

NOGUEIRA, Thyago. Diante do espelho. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 21, abr. 2019.

PAZ, Caio. Por um uso profanado ou exemplo como a profanação do improfanável. **REVISTA GARRAFA**, v. 16, p. 272-293, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/viewFile/22111/12295> Acesso em: 12 mar. 2023.

PETRICCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 203- 228.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

QUEIROZ, Vera. Cãnone ou a tradiçãoinvisível. In: QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: Eduff, 1997. p. 21-55.

REIS, Roberto. Cãnon. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudos da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

ROSA, Victor da. Os embalos da semana com Machado de Assis. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 28, nov. 2019.

SANCHES, Eduardo Oliveira; SILVA, Divino José da. Infância e Coleção: experiência e profanação em Walter Benjamin. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 143, p. 379-396, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/WdnLTCVRPdM533ZQv3Mz8mS/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 22 abr. 2023.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. **Revista Estudos Literários**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993.

SANTIAGO, Silviano. Viagem pelas viagens de Mário de Andrade. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 49, set. 2021.

SANTOS, Yasmim. A arte de Carolina. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 48, ago. 2021.

SEIXAS, Lia; CARVALHO, Emiliana. Resenha, a crítica do jornal. **Galáxia**, São Paulo, n. 40, p. 132-14, jan-abr. 2019.

SULLÀ, Enric (Org.). **El canon literario**. Madrid: Arco/Libros, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: SÜSSEKIND, Flora. **Papéis Colados**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 13-33.

VENTURA, Mauro Souza. **A crítica e o campo do jornalismo: ruptura e continuidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

WAPICHANA, Cristino. O herói sem apreço. **Quatro Cinco Um**. São Paulo, n. 49, set. 2021.

WERNECK, Paulo. Painel como o jornalismo cultural está se reinventando? **Youtube**, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVamWNuwHC0>. Acesso em: 17 abr. 2022.